

## LEITURA E EMANCIPAÇÃO: A CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER E A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Joicy Suely Galvão da Costa

(Departamento de Ciências Sociais – UFRN)

Gleydson Rodrigues da Silva

(Departamento de Ciências Sociais – UFRN)

### Resumo

A Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler tem sua experiência em Natal, no estado do Rio Grande do Norte, de fevereiro de 1961 a abril de 1964, quando suas atividades foram interrompidas pela deflagração do golpe civil-militar. A proposta de uma educação para todos tornou-se realidade com a vitória eleitoral de Djalma Maranhão para prefeito, em 1960.

Nesse trabalho queremos chamar a atenção para a leitura enquanto construção, enquanto plantação de grãos de esperança frente ao mundo de profundas desigualdades sociais. Para tanto, apresentaremos como a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler/RN, através de seu Livro de Leitura, fez da educação popular um espaço de conscientização-emancipação do povo potiguar.

Mostraremos que esse movimento de educação e cultura popular da década de 1960 atuou promovendo leituras em dois sentidos: a alfabetização e a conscientização dos direitos – a busca da emancipação da injustiça social.

No que diz respeito ao trato metodológico, podemos dizer que a pesquisa é de cunho essencialmente bibliográfico e documental. Utilizou-se, sobremaneira, de fontes documentais escritas, principalmente, das cartilhas de alfabetização e textos de intelectuais vinculados à Campanha. Trazemos à baila, para a discussão norteadora deste trabalho, o pensamento de Paulo Freire acerca de dois conceitos principais que acreditamos ser interesse de nossa reflexão, a saber: educação popular e emancipação social.

Se para a Campanha a educação popular era uma dimensão da cultura popular, o livro de leitura seria uma ferramenta para que o povo se autoconscientizasse. Aquele, sem dúvida, tornou-se um documento de grande importância na atuação do Movimento em Natal, mas não apenas ele visto que a Campanha não se resumia à atividade de alfabetizar: era um verdadeiro centro protetor da cultura potiguar.

Concluimos que o livro de leitura da Campanha possuía um conteúdo pretensamente libertador na medida em que abordava criticamente a condição social dos trabalhadores. A incorporação do método Paulo Freire aliado ao forte engajamento político permitiu o surgimento de uma cartilha inovadora para a alfabetização de adultos. Os vocábulos geradores eram convites à luta contra a manutenção do *status quo* e a dominação cultural. A leitura, portanto, ganham aqui um sentido de possibilidade de superação da ordem social vigente.

**Palavras-chave:** Leitura, Educação Libertadora, Emancipação, Campanha.

## 1 INTRODUÇÃO

Educar a partir da leitura do mundo, mundo este de opressão que deve ser **desvelado** para ser superado.

(Giselle Moura Schnorr)

**S**e quiséssemos ser simplórios, uma definição de dicionário nos bastaria. Todavia, é preciso levar em conta que a leitura é um ato complexo, emaranhado de significados e condições sociais que a possibilite ou não. Na realidade, a leitura é uma ação intrínseca do ser humano. Sempre estamos lendo, ou interpretando, ou compreendendo linguagens do nosso cotidiano, independente se conseguimos ou não decodificar o alfabeto da língua portuguesa.

Logo, a leitura e a linguagem suplantam a simples mecânica de reconhecimento de símbolos gráficos. Elas também dizem respeito ao modo como nos posicionamos politicamente no sistema-mundo em que vivemos.

Nesse trabalho, tomando emprestada a epígrafe, queremos chamar a atenção para a leitura enquanto construção, enquanto plantação de grãos de esperança frente ao mundo de profundas desigualdades sociais. Para tanto, apresentaremos como a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler/RN, através de seu Livro de Leitura, fez da educação popular um espaço de conscientização-emancipação do povo potiguar.

Mostraremos que esse movimento de educação e cultura popular da década de 1960 atuou promovendo leituras em dois sentidos: a alfabetização e a conscientização dos direitos, a busca da emancipação da injustiça social.

Ressaltamos que essa reflexão é desdobramento da agenda de estudos referente à educação popular e cultura popular do Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação, do Departamento de Ciências Sociais, da UFRN. Essa discussão foi realizada a partir do projeto de pesquisa “Em busca das raízes culturais do povo brasileiro: as afinidades românticas da educação popular”, sob a responsabilidade do professor Dr. José Willington Germano, coordenador do referido grupo; pesquisa esta que vem sendo desenvolvida desde 2005.

## 2 CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER: HISTÓRIA E IDEÁRIO

Antes de avaliarmos o livro de leitura, é primordial conhecermos um pouco do contexto histórico que possibilitou o surgimento de movimentos de educação e cultura popular no Brasil, na década de 1960. É também de suma importância abordarmos o ideário que norteou as práticas educativas da Campanha de Pé no Chão. Faremos isso ao longo da secção.

O período de 1939 a 1964 engloba acontecimentos marcantes para a história mundial e do Brasil. Nele, encontramos inúmeros fatores que proporcionaram o surgimento de intensas mobilizações reformistas num momento imediatamente anterior ao golpe civil-militar, mais precisamente entre 1961-1964. Temos: Segunda Guerra Mundial (1939- 1945); Guerra Fria; o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética em 1956; a Revolução Cubana de 1959; a descolonização da África e Ásia e o avanço dos movimentos nacionalistas socialistas; o Concílio Vaticano II de 1962-65 que abre a Igreja Católica para o aggiornamento de João XXIII – fazendo-a entrar na luta pela defesa das questões sociais na periférica América Latina, submetida ao imperialismo; a marcha chinesa de 1948 que desequilibra a hegemonia capitalista mundial.

No Brasil, no mandato presidencial de João Goulart – setembro de 1961 a abril de 1964 – as mobilizações intensificaram-se devido à política reformista de seu governo: visava transformar estruturalmente a sociedade brasileira através de diversas reformas, tais como a agrária, constitucional, urbana, etc.

É nesse clima de mudanças que surge, no país, alguns movimentos de educação e cultura popular que incluía em seus quadros a alfabetização. Nessa esfera, encontramos na experiência inovadora do método Paulo Freire uma importante influência para o trabalho desses movimentos. Mais a frente, no tópico referente ao livro de leitura, aprofundaremos a questão.

A Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler tem sua experiência em Natal, no estado do Rio Grande do Norte, de fevereiro de 1961 a abril de 1964, quando suas atividades foram interrompidas pela deflagração do golpe civil-militar. A proposta de uma educação para todos tornou-se realidade com a vitória eleitoral de Djalma Maranhão para prefeito, em 1960.

Eis o colapso educacional denunciado pela Secretaria Municipal de Educação de Natal na época:

O índice de analfabetismo na população acima de 14 anos, o mais alto era o do Nordeste (59, 97%) e, em Natal, o Censo de 1960 revelara a existência de 60.254 analfabetos, cifra possível de ser decomposta em 35.810 crianças e 24.444 adultos (GÓES, 1980: 66).

Diante do quadro, tornou-se prioridade o investimento em educação, independente se o município dispunha ou não de verba suficiente. É através de um espírito de erradicação do analfabetismo que as atividades da Campanha se desenvolvem, seja através das Escolinhas, seja do Acampamento Escolar (famosa escola de palha de coqueiro e chão batido das Rocas), constituindo uma educação popular e democrática, na busca por qualidade de ensino.

Quanto ao ideário norteador das práticas educativas da Campanha, podemos destacar o conceito de cultura popular. Para a Campanha, só é possível definir a cultura popular a partir da situação de dominação a que está submetido o Brasil desde o “descobrimiento”.

De acordo com o Movimento, o país, em toda a sua história, esteve imerso em um processo de submissão cultural, escravo de padrões culturais exóticos,

alienígenas, dos quais sempre foi obrigado a consumir. Para os dirigentes da Campanha, o Brasil, além de subdesenvolvido, estava sob a égide dominadora do imperialismo norte-americano.

A partir de alianças políticas entre o Brasil e os países ditos desenvolvidos, no pretexto de cooperação e ajuda, é que:

O povo brasileiro começa a consumir um tipo de cultura que não é elaborada aqui e que tem a função precípua de manter o nosso povo preso a um esquema de pensamento e atitudes que devem traduzir-se na aceitação passiva da situação de dominação externa, e mais ainda no respeito e admiração ao povo dominador (FÁVERO, 1983:73).

Então, qual a relação entre cultura popular e educação popular? Para o movimento, a educação popular era encarada como uma dimensão, um instrumento de trabalho de cultura popular. Dentre as prioridades estabelecidas estava o dinamismo do trabalho de conscientização e politização através do apelo constante aos valores do povo, ou seja:

Os instrumentos de cultural popular – alfabetização, núcleos populares, praça de cultura, teatro, artes plásticas, cinema, música, publicações, festas populares, festivais de cultural [...] são meios de conscientização, politização e organização do povo. [...] são válidos enquanto possibilitam a libertação popular de suas alienações (Id, Ibidem: 24, grifo nosso).

Por conseguinte, a cultura popular e a educação popular eram encaradas como veículos de libertação do povo brasileiro, importantes para ampliar o processo de democratização e tornar possíveis as reformas estruturais da sociedade.

### **3 O LIVRO DE LEITURA**

Se a educação popular era uma dimensão da cultura popular, o livro de leitura da Campanha seria uma ferramenta para conscientização. Este, sem dúvida, tornou-se um documento de grande importância na atuação do Movimento em Natal.

Para ilustrar a afirmação, vejamos o que Góes nos diz:

O Livro de leitura de pé no chão também se aprende a ler se converteu no cavalo de batalha da reação, na busca de mensagens subversivas aos alfabetizando adultos da Campanha. Muitas demissões e prisões se fizeram em função dessa Cartilha. Em todos os inquéritos e IPMs, ela emerge, e foi muito significativo o posicionamento de diversos professores sobre o assunto, como constam dos autos de investigações do Exército, do Governo do Estado, da Prefeitura do Natal, da Faculdade de Filosofia da Fundação José Augusto, etc (GÓES, 1980:126).

O Livro de leitura de pé no Chão, também conhecido como a Cartilha de alfabetização de adultos, é, na verdade, uma adaptação do Livro de leitura para adultos do Movimento de Cultura Popular, de Recife. Ambos receberam influência do Sistema Paulo Freire de educação.

Freire, importante educador pernambucano, após uma longa experiência no campo da educação de adultos, em áreas proletárias, urbanas e rurais, concebe o seu método de alfabetização. É datado de 1961 e desenvolvido inicialmente no Centro de Cultura do MCP Dona Olegarina, em Recife.

Esse sistema fazia um levantamento do universo vocabular do grupo que se pretendia alfabetizar – uma seleção dos vocábulos geradores tomando como referência a realidade local – para, a partir daí, elaborar lições com a decomposição de famílias fonêmicas correspondentes às palavras geradores.

Como registra Góes (1980), o resultado da influência do método Paulo Freire no ideário do Movimento é um Livro de leitura cujas lições estão carregadas de afirmações democráticas, tais como: “O voto é do povo”; “O verdadeiro líder defende os interesses do povo”; “Bons governantes dão ao povo meios para obter uma vida digna”; “Para haver progresso social é preciso dar as mesmas oportunidades a todos os grupos, sem distinção de raça, situação social ou religião”; “O operário brasileiro tem capacidade para alcançar um alto nível em sua profissão”, etc.

Visto que a filosofia democrática está bem presente neste tipo de educação, o alfabetizando não aprende simplesmente o significado das palavras, mas apreende sentidos sócio-políticos mais profundos que o farão, através da leitura, compreender o mundo e questionar sua condição socioeconômica inferior.

#### **4 CARTOGRAFIA SIMBÓLICA, EDUCAÇÃO POPULAR E EMANCIPAÇÃO-CONSCIENTIZAÇÃO**

No que diz respeito ao trato metodológico, podemos dizer que a pesquisa é de cunho essencialmente bibliográfico e documental. Utilizou-se, sobremaneira, de fontes documentais escritas, principalmente, das cartilhas de alfabetização e textos de intelectuais ligados à Campanha. Além do levantamento bibliográfico, temos como ferramenta o procedimento da Cartografia Simbólica elaborado por Boaventura Santos.

A sociologia cartográfica, ou cartografia simbólica, seria a construção de mapas, procedimento emprestado da geografia, para representar frações da realidade, ou, “espaços” sociais. Nesse método, a construção de mapas possui três mecanismos principais: a escala, a projeção e a simbolização.

No que diz respeito à escala, podemos defini-la como a distância no mapa das representações e a correspondente distância no “terreno” social. Para tanto, faz pequenos ou grandes recortes da realidade, ou seja, utiliza ou não escalas pormenorizadas.

Já a projeção faz referência ao manuseio e armazenamento dos mapas. Todas as projeções sejam elas do tipo cônica, azimutal, conforme ou cilíndrica, distorcem a realidade na tentativa de realçar uma determinada característica do espaço. O mesmo se dá com qualquer recorte de pesquisa na área das ciências sociais. Não é à toa, que este procedimento leva em conta a subjetividade do pesquisador no momento de analisar o objeto em estudo, no momento em que constrói quadros analítico-sintéticos dos conceitos reincidentes no livro de leitura da Campanha.

E quanto à simbolização, Santos (2005) afirma que é a capacidade de utilizar símbolos gráficos para assinalar características da realidade espacial selecionados. Tal mecanismo pode construir mapas com sinais icônicos ou quadros analítico-sintéticos (escritos). Em suma, são mapas construídos para leitura visual ou escrita.

A discussão é realizar uma cartografia dos conceitos de educação popular e emancipação social, conceitos esses que percebemos ser recorrentes no ideário da Campanha e, também, em sua práxis educativa. A efeito, utilizamos quadros analíticos para registrar cada conceito identificado.

Eis os exemplos:

## QUADROS

Cartografia Simbólica
Emancipação social
Segundo Adorno (), O conceito de emancipação remete a idéia de um ser autônomo, livre e coberto de múltiplas experiências. O próprio ideário dos movimentos estudados estava permeado por tal conceito na medida em que objetivava a libertação do país de sua situação sócio-econômica de fortes desigualdades, e do imperialismo norte-americano. O significado de cultura popular também incluía a idéia de emancipação: “é popular a cultura que leva o homem a assumir a sua <u>posição de sujeito da própria criação cultural e de operário consciente do processo histórico em que se acha inserido</u> ” (FÁVERO:1983). Portanto, o MCP e a Campanha atuavam por meio de uma educação popular pretensamente emancipadora, buscando formar um homem que luta por seus direitos e sua cultura.

Quadro 1: Quadro analítico-sintético exemplo de Cartografia Simbólica

Cartografia Simbólica
Educação Popular
A educação popular era encarada como dimensão da cultura popular, instrumento que possibilitaria a democratização da sociedade, na qual as camadas populares protagonizariam suas decisões em função da construção de espaços voltados para a participação, conscientização, politização e mobilização do povo de modo a superar a rede de relações sociais desiguais vigente. Podemos afirmar que esta educação popular seria, portanto, decisiva para a transformação da sociedade num espaço mais democrático e igualitário.

Quadro 2: Quadro analítico-sintético exemplo de Cartografia Simbólica

De acordo com Schnorr (2001), a educação para Freire pode ser uma faceta de uma prática revolucionária ou de uma prática de dominação. É preciso transformar a pedagogia da opressão, posta através das desigualdades geradas por uma sociedade de classes, numa pedagogia libertária. A primeira tem como fundamento a dominação da consciência do povo, formando sujeitos sem consciência de si e de classe, que assimilam uma cultura de opressão. Já na segunda perspectiva, a pedagogia libertária, Paulo Freire expõe o trabalho educativo num sentido mais amplo, como uma prática política por excelência, vista por ele como indissociável do processo revolucionário.

Na obra do autor, vemos o termo conscientização e não emancipação. Entretanto, podemos afirmar que o significado dessas duas palavras guarda certa similitude. Em nenhum momento o pensador dá ao professor-revolucionário o papel de “depositário” de seus ideais através de uma cultura educacional: não é uma educação *para* o povo, mas um processo de construção de consciências com os próprios aprendentes, ou seja, junto *com* o povo. Nesse sentido, o conceito de emancipação se aproxima com o de conscientização, pois remete à idéia de um indivíduo que se refaz dialeticamente a partir das experiências passadas e cria nova visão do mundo social e de si mesmo, enquanto participante deste.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de emancipação se aproxima do de conscientização, este amplamente abordado na obra de Paulo Freire. Para a Campanha de Pé no Chão, cultura popular, educação popular, conscientização e emancipação andam juntas: “é popular a cultura que leva o homem a assumir a sua posição de sujeito da própria criação cultural e de operário consciente do processo histórico em que se acha inserido” (FÁVERO, 1983:23, grifo nosso).

Portanto, o livro de leitura da Campanha possuía um conteúdo pretensamente libertador, na medida em que abordava criticamente a condição social dos trabalhadores e temas como progresso, democracia, cultura e cidadania. A incorporação do método Paulo Freire, aliado ao forte engajamento político dos membros da Campanha, permitiu o surgimento de uma cartilha inovadora para a alfabetização de adultos. Os vocábulos geradores eram, mais precisamente, convites à luta contra a manutenção do *status quo* e da dominação cultural. Os atos de alfabetização e leitura, portanto, ganham aqui um sentido de emancipação, conscientização e possibilidade de superação da ordem social vigente.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Educação e Emancipação. In: **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BANDEIRA, Muniz. **O governo João Goulart: As lutas sociais no Brasil (1961 – 1964)**. Rio de Janeiro: Revan: Brasília/DF: Ed. UnB, 2001.

FÁVERO, Osmar. **Cultura popular, educação popular: memórias dos anos 60**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GERMANO, José Willington. **Lendo e Aprendendo: a Campanha de Pé no Chão**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GÓES, Moacyr de. **Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler (1961 – 1964): Uma escola democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Uma Cartografia Simbólica das representações sociais: o caso do direito. In: **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 2005.

SCHONORR, Giselle Moura. Pedagogia do oprimido. In: **Paulo Freire: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.